

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES – NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS

CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**EXPERIÊNCIA TEATRAL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
DISCUTINDO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

JANDIRA DIAS DE SOUZA BRITO

Pelotas, 2013

Jandira Dias de Souza Brito

**EXPERIÊNCIA TEATRAL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
DISCUTINDO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Teatro
Licenciatura da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Ms. Ângela Balzano Neves

Pelotas, 2013

Dedico este trabalho:

A **Deus**, que me fez crer que podia chegar ao meu objetivo final e por me agraciar com o que de mais precioso existe no mundo; A **Vida!** Aos meus amados pais, **Josefina Felix de Araújo** e **Geosio Dias de Souza** pela confiança; Aos meus **Professores** por me ensinarem a difícil tarefa de ir ao encontro do conhecimento; Aos meus **amigos** que me acompanharam nesta árdua jornada; A minha família, em especial ao meu amado esposo **João Orlando Coelho de Brito** por tudo o que fez por mim, me incentivando sempre.

AGRADECIMENTOS

O ser humano é gerado, nasce, cresce e aí começa uma difícil caminhada para auto-afirmar-se no contexto de uma sociedade confusa, cheio de valores e desvalores com uma desigualdade extrema a ponto de expurgar o direito e dever de cada cidadão.

Contudo é preciso seguir em frente e encontrar um “lugar ao Sol”. Não foi fácil chegar à efetividade desta conquista. Tudo isso, só foi possível graças às superações de muitos obstáculos. Enfim, mais uma missão cumprida e tenho a certeza de que saí dessa batalha muito mais fortalecida.

A lista de agradecimentos se estende ao longo destas páginas desde aqueles que me apoiaram com as mais humildes das palavras até as retóricas mais eloquentes, me envolvendo num processo de entusiasmo e segurança. A concretude desta obra se estabelece na alegria e confiança da realização do presente trabalho e na expectativa de que no futuro possa gerar “frutos” valiosos e significativos, contribuindo para a minha vida em todos os sentidos.

É com imensa satisfação e orgulho que desejo cumprimentar professores e os demais colaboradores que se dispuseram me acompanhar na construção desse realizado sonho.

Agradeço a minha orientadora Ângela Balzano Neves, pela orientação, incentivando-me a cada encontro a trilhar o caminho certo e seguro.

Ao corpo docente da Universidade Federal de Pelotas do curso de Teatro – Licenciatura e demais profissionais de outras áreas, que de uma forma ou de outra, também me auxiliaram na construção deste trabalho.

Aos amigos e colegas que conquistei durante o período acadêmico. E em especial ao meu querido esposo João Orlando Coelho de Brito que muito me incentivou na conquista desta vitória.

Aos meus pais, Geosio Dias e Josefina Felix por terem me oportunizado estar neste mundo. Também agradeço a toda minha família.

Muitíssimo obrigado a todos!

Não escrevo para as pessoas que julgam já haverem encontrado a verdade absoluta e irreversível. Escrevo, sim, para aqueles que, como eu, com total isenção de ânimo, humildemente, sempre trazem o espírito aberto para a troca de novas lições: para o livre exercício de um eterno aprender (PEREIRA, 1999, p. 19).

RESUMO

As problemáticas de aprendizagem que envolvem leitura e escrita dentro das escolas é algo que ainda requer muitas discussões no âmbito da educação. O letramento, as dificuldades de aprendizagem, a alfabetização são cada vez mais assuntos que desafiam e englobam as estatísticas dos programas televisivos, jornais e redes sociais. Dilema que acaba por se tornar foco de grandes questionamentos e profundas reflexões nos educadores e profissionais da área. O presente trabalho foi muito significativo, porque permitiu a abordagem de conteúdos importantes a respeito das dificuldades de aprendizagem através da Contação de Histórias, numa turma de 1º ano do ensino fundamental, que pudesse evidenciar e suscitar as problemáticas, que envolvem os processos de alfabetização. O trabalho foi desenvolvido em capítulos e subcapítulos, entre os meses de Agosto a Dezembro, totalizando dezesseis encontros, uma vez por semana na escola. O objetivo foi ressaltar as dificuldades de aprendizagem das crianças, que é uma das preocupações latentes em nosso País. Trazendo a discussão, uma forma, um meio para compreender que contar histórias se faz necessário dentro das instituições de ensino, na construção e formação do sujeito. Pretendo com esta pesquisa delinear as problemáticas que envolvem cinco crianças a partir de experiências teatrais na Contação de Histórias e as repercussões das ações realizadas durante o processo de investigação. Para responder a questão de pesquisa, a metodologia utilizada foi estudo de caso, numa abordagem qualitativa, pautada na observação feita pela pesquisadora no caderno de campo, na sondagem feita à professora sobre os alunos antes do trabalho com as crianças, na realização das atividades e na entrevista semi-estruturada com a professora da turma. Foi elaborado um circuito de atividades de contos, com o intuito de evidenciar as dificuldades dos alunos pesquisados, além de propiciar a eles maior envolvimento com a literatura infantil, o incentivo ao hábito e o gosto pela leitura, auxiliando-as no processo de ensino. A pesquisa se deu em vários encontros, havendo registros com fotos e transcrições, análise segundo a temática abordada, e com base em alguns teóricos de áreas da educação e teatro como Magda Soares, Maria Aparecida Camargo, Olga Reverbel entre outros. O estudo também mostrará que projetos como este se fazem necessários nas escolas, sendo enriquecedor para a formação educacional, cultural e social do aluno.

Palavra-chave: Dificuldades de aprendizagem, Teatro, Contação de Histórias.

ABSTRACT

The learning problems that involve reading and writing within the schools is something that still requires many discussions in the context of education. The literacy learning difficulties, literacy are increasingly defying and subjects include statistics of television programmes, newspapers and social networks. Dilemma which ultimately become the focus of great questions and deep reflections on educators and practitioners in the field. This work was very significant, because it allowed the important content approach regarding the difficulties of learning through storytelling, a class of 1st grade, which could highlight and raise the issues, involving the processes of literacy. The work was developed into chapters and sub-chapters, between the months of August to December, a total of sixteen meetings, once a week in school. The goal was to emphasize the learning difficulties of children, which is one of the underlying concerns in our country. Bringing the discussion, a way, a means to understand that storytelling is necessary within the educational institutions, construction and formation of the subject. I want to with this survey delineate the problems involving five children from theatrical experiences in storytelling and the repercussions of actions performed during the research process. To answer the research question, methodology used was case study, qualitative approach, based on the observation made by the researcher in the field, the poll made the teacher about students before work with children, in carrying out the activities and in the semi-structured interview with the teacher of the class. Was elaborated a circuit of activities, with the aim of highlighting the difficulties of the students surveyed, apart from giving them more involvement with children's literature, the incentive to habit and taste for reading, assisting them in the process of teaching. The research took place in several meetings and records with photos and transcripts, analysis according to the subject discussed, and based on some theory of education and theater as Magda Soares, Maria Aparecida Camargo, Olga Reverbel among others. The study also shows that projects like this are needed in schools, and enriching to the educational, cultural and social..

Keyword: Learning disabilities, theater, storytelling

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: O espaço organizado para a leitura.....	30
FIGURA 2: Preparação da sala para observação.....	32
FIGURAS 3, 4 e 5: livro do Nicolau o sem fome.....	44
FIGURA 6: Livro As Aventuras do pássaro negro.....	45
FIGURA 7: Livro Fish a bolinha triste.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: No Compasso do Saber, Conto Histórias!.....	10	
CAPÍTULO – 1 REVISÃO DE LITERATURA		
1.1 Quem já falou sobre Contação de Histórias.....	15	
CAPÍTULO – 2 LETRAMENTO E LEITURA: um desafio constante.....		17
2.1 Alfabetização: base sólida da vida.....	18	
2.2 Dificuldades no letramento: realidade nas escolas brasileiras.....	20	
CAPÍTULO – 3 TEATRO E EDUCAÇÃO: uma junção que faz bem.....		22
3.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: quer ouvir uma?.....	26	
CAPÍTULO _4 METODOLOGIA: O método e os sujeitos pesquisados.....		29
4.1 ANÁLISE DE DADOS; Todo jardim começa com um sonho de amor.....	33	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38	
REFERÊNCIAS.....	40	
APÊNDICES	43	

INTRODUÇÃO

NO COMPASSO DO SABER, CONTO HISTÓRIAS!

Minha história de vida em relação à Arte é complementada pela história dos meus pais. Artistas desde a infância, eles me envolveram com suas histórias de vida, despertando em mim, a magia, encanto e a paixão pelo Teatro. As lembranças chegam como um vendaval, um misto de saudade, tristeza e alegria que me envolvem, trazendo memórias de minha infância, em que percebi meu interesse pelo Teatro e lembrei-me de ter abandonado os estudos em tenra idade, e das consequências dessa atitude em minha vida, pois fiquei sem estudar durante anos.

Considero o período em que estive afastada da escola uma desventura. Não sei bem quanto tempo fiquei distante da sala de aula. Quando me dei conta, já haviam se passado alguns anos, estava mais “velha”, e sentia saudades da escola.

Lembro-me do período em que estudava e que era uma boa aluna. Quando tinha que escrever as tarefas em meu caderno, era criativa e inventava uma porção de atividades. Fazia uma espécie de análise da minha vida e gostava das coisas positivas que encontrava, como escrever, ler e ir até a biblioteca da escola manusear os livros nas estantes.

Mudei de Estado, fui conhecer outros lugares, pessoas, enfim, um novo horizonte que despontava, enriquecendo-me com novas experiências de vida. Aos poucos comecei a perceber que quando me aproximava de grupos de amigos e pessoas que discutiam sobre vários assuntos, ficava sem entender as conversas. Constatei que não tinha conhecimento suficiente sobre os temas discutidos. Isso me incomodava e deixava-me bastante triste, com muitos questionamentos.

Anos se passaram até que decidi voltar para escola. A diretora era uma mulher negra, alta, bonita, de sorriso fácil e acolhedora. Tratou-me com muito carinho e entusiasmo, o que me incentivou ainda mais a voltar a estudar. Garantiu-me a vaga na escola me fazendo prometer que não iria desistir. Retornei a sala de aula, e desde então recomeçou minha vida de estudante, que se perpetua até o presente momento.

Volto na linha do tempo quase que diariamente e me vejo relembrando momentos de quando contava histórias para meus sobrinhos, para embalar seus sonhos. Então, percebo que a imaginação e a paixão por contar histórias estavam

imersas em mim. Foram tantas histórias contadas, criadas, inventadas, reinventadas que, um dia, resolvi escrever minhas próprias histórias e com o tempo às transcrevi para o papel, dando vida a personagens tão queridos, amados e encantados para mim. Histórias que fazem parte do acervo na Contação de História da minha pesquisa.

Escrevi a história do menino que não gostava de comer: “Nicolau o sem Fome” (anexo - 1) com direito a ilustração feita pela própria autora. A história da bolinha solitária: “Fisch a Bolinha Triste” (anexo - 2) e “As aventura do Pássaro Chui” (anexo - 3). Enfim, foram muitas histórias, algumas se perderam com o passar do tempo.

Para muitas pessoas, sexta-feira treze é um dia desfavorável, azarento, de maus presságios, mas para mim esse dia se tornou uma data inesquecível. O dia 13 de Fevereiro de 2009 marcou uma mudança radical em minha vida, pois comecei a fazer o curso Teatro – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Nessa ocasião me lembrei de uma frase de George Bernard Shaw (1994, p.9), “Os espelhos são usados para ver o rosto; a arte para ver a alma”. E a minha alma estava ali entregue ao teatro e a todas as formas de conhecimentos que se seguirão por toda vida.

Na Universidade conheci dois projetos que me fizeram crescer muito como pessoa e arte-educadora: O projeto Quilombo das Artes¹ e PIBID².

A partir dessas experiências, verifiquei que muitas vezes as teorias estudadas na Universidade não refletem a prática vivenciada nos projetos. Realidades estas que foram vivenciadas por mim, nas escolas em que trabalhei. Percebi que a teoria se distancia da prática, por exemplo: quando me deparei com situações em que crianças frequentavam a escola de chinelos de dedo, em pleno inverno. Outras crianças só iam para escola por causa da merenda. Essas problemáticas deixaram-me com muitos questionamentos em relação à realidade em que vivem essas crianças, desprovidas de uma condição de vida favorável ao seu desenvolvimento.

¹ Quilombo das Artes - Projeto de Extensão da Universidade Federal de Pelotas, Coordenados pelos professores Paulo Gaiger e Eleonora Santos.

² PIBID – Teatro/UFPEL (Programa Institucional de Iniciação a Docência) Humanidades Incentivando a Docência. Coordenados em 2011 pelas professoras do curso de Teatro Taís Ferreira e Fabiane Tejada. Em 2013 a coordenação passou para as professoras Vanessa Caldeira Leite (Teatro) e Lourdes Maria Bragagnolo Frison da (Pedagogia).

Hoje, ao realizar esta pesquisa, fico feliz com as lembranças sobre minha trajetória de formação. Elas reportam-me a lugares tão especiais, que quando penso no passado e analiso o presente, orgulho-me de ter conseguido chegar aonde cheguei. É por essa razão que no meu trabalho de conclusão de curso resolvi falar da Contação de Histórias, levantando a seguinte questão: Qual a repercussão da Contação de Histórias, em estudantes com dificuldades no letramento e leitura do 1º ano do ensino fundamental?

É uma questão complexa, mas que cabe reflexão, uma vez que esse assunto de certa forma tem muito a ver com o meu próprio histórico escolar, principalmente por minhas dificuldades de aprendizagem quando criança na escola. Por um longo período da minha vida me ausentei dos estudos, lembro que era difícil o processo de aprendizagem, de conseguir acompanhar os outros colegas.

Entendo que os problemas vividos na infância não estavam somente na escola e nem nos castigos que eram colocados para aqueles com dificuldades de aprendizagem, mas também no contexto familiar. Por essa razão acredito que essa também foi uma das dificuldades encontradas nas crianças relacionadas à pesquisa. Mesmo que tivesse passado por problemas na escola, encontrava suporte emocional nas histórias contadas por minha mãe, pois ficava fascinada com elas. Ouvi-la me deixava bastante curiosa. Penso que foi por esse motivo que acabei me apaixonando pela arte de representar e pelo encantamento que o Teatro desperta na gente.

Alves (2003, p. 69) aponta: “gosto de ouvir conversas. Manias de psicanalista. É que nas conversas moram mundos diferentes do meu”. E que mundo! Acrescento eu. Mundo curioso, fascinante que só mais tarde vim a compreender, através das histórias contadas pela minha mãe, um universo mágico, cercado por criaturas e personagens queridos, oriundos de vários lugares, religiões e de condições sociais diversas.

No primeiro capítulo apresento a revisão de literatura sobre Contação de Histórias e dificuldades na aprendizagem.

O presente trabalho versa sobre as possíveis contribuições do Teatro e da Contação de Histórias como meios para evidenciar as dificuldades no letramento e leitura de alunos do 1º ano do ensino fundamental.

Tendo em vista as transformações ocorridas na área da educação, com as novas tecnologias de informação dentre outros, é sabido que os métodos tradicionais de ensino, não oferecem atrativos para a aprendizagem de crianças. As possíveis soluções para os problemas relacionados à questão das dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais necessitam de atenção da sociedade, da comunidade escolar, da família e de pesquisadores da área.

Nesse sentido a arte³ é uma área de conhecimento que pode contribuir na formação do sujeito, em todos os níveis da educação básica.

O Teatro como disciplina obrigatória nas escolas, pode agregar condições de aprendizagem no processo intelectual, moral e no senso crítico, propiciando de forma lúdica o saber e a sua construção no aprimoramento do sujeito.

Em razão de querer buscar respostas para as minhas indagações sobre as dificuldades de aprendizagem, é que surgiu a ideia de pesquisar sobre as crianças a partir do ensino de Teatro e a Contação de Histórias para crianças.

Através de um estudo de caso, aponto as dificuldades que envolvem os alunos que participaram da pesquisa. O embasamento teórico tem por apoio autores da área da educação, artes como Magda Soares (2012), Maria Aparecida Camargo (2003), Olga Reverbel (1989) entre outros, que compartilharam e auxiliaram na minha pesquisa.

A partir dessas reflexões é que me senti instigada a conhecer os problemas relacionados a alfabetização de crianças na educação escolar. Dessa forma apresento a questão de pesquisa: Qual a repercussão da Contação de Histórias a partir da linguagem teatral em estudantes com dificuldades no letramento e leitura do 1º ano do ensino fundamental?

A pesquisa teve como objetivos:

- ❖ Observar a reação das crianças diante da Contação de História;
- ❖ Através da Contação de Histórias, suscitar as dificuldades e o interesse pela leitura e o contato com o livro;
- ❖ Evidenciar as dificuldades relacionados aos processos de alfabetização dos alunos através dos contos literários;

³Neste documento, o termo “arte” apresenta-se grafado com letra minúscula quando se refere à área de conhecimento humano, e com maiúscula quando esta área é componente curricular.

A partir destas perspectivas, o ponto de partida da investigação inicia-se na introdução, com relatos de minha história de vida, as dificuldades que tive como aluna e a minha trajetória até chegar à universidade. Na sequência apresento o primeiro capítulo à revisão de literatura que contribuiu com esta pesquisa. No segundo capítulo, aproprio-me do letramento e leitura, apontando as problemáticas que envolvem a questão de leitura em sala de aula. No terceiro capítulo, abordo a reflexão sobre Teatro e educação e contextualizo a Contação de histórias como prática de incentivo no processo de alfabetização. No quarto capítulo exponho a metodologia que deu embasamento a esta pesquisa. No subcapítulo seguinte faço a análise de dados, e por fim no sexto capítulo faço as considerações finais.

CAPÍTULO _ 1

1. REVISÃO DE LITERATURA: Quem já falou sobre Contação de Histórias?

Para a execução desta pesquisa que abordou a Contação de História e as dificuldades de aprendizagem, foi necessário o auxílio de orientação e revisão de literatura. Para isso foram utilizados alguns artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso.

O trabalho de conclusão de curso de Eugenia Berlim (2004): sobre *Contação de História para Crianças com Necessidades Especiais Visuais* da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC.) Florianópolis. Berlim e suas crianças especiais! Razão de tê-la escolhido foi certamente pela a curiosidade e por suas próprias palavras: “a leitura e a Contação de História para crianças com necessidades especiais é um fenômeno recente no Brasil.”

Seu objetivo através deste trabalho foi considerar a importância da Contação de Histórias, para crianças especiais, na construção e condições de espaços específicos nas escolas, para proporcionar a essas crianças com necessidades visuais, e especiais, momentos de encantamento e prazer através dos Contos literários.

O artigo de Luciana Bluhm Radmann (2008): *Literatura infantil na Pré-Escola: uma Experiência de Encantamento*, apresentado em 2008, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, também foi de grande importância para minha pesquisa. A autora discorre neste artigo, sobre a importância da Literatura e da Contação de História e as práticas realizadas numa turma de pré-escola, evidenciando a importância da inserção da literatura no cotidiano escolar e na construção do sujeito.

No artigo *Discutindo as Dificuldades Docentes no Processo de Alfabetização*, de Eulina Maria Leite Nogueira e Adriana Francisca de Medeiros, apresentado no V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” São Cristovão – Sergipe/Brasil, em 2011. Reflete acerca das ações sobre os processos de alfabetização, realizado em um município do sudoeste do estado amazonense, com intuito de apontar quais são as dificuldades enfrentadas pelos docentes daquela região, já que o índice de analfabetismo *in loco* foi constatado.

Também foi feito uma reflexão sobre o trabalho de Lília Átila de Souza e Santana Valdirene da Silva, *Dificuldades de Aprendizagem: Leitura e Escrita no 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Artur Gonçalves de Prado em Água Limpa*, Caldas Novas, 2011. Goiás. Universidade Estadual de Goiás (UEG). As pesquisadoras abordam reflexões em relação às dificuldades de aprendizagem, numa turma do 1º ano do ensino fundamental, sobre leitura e escrita e a compreensão das problemáticas que estão implícitas nesse processo de alfabetização.

Enfim, resolvi ler esses trabalhos para direcionar melhor minha pesquisa e ter mais embasamento para a construção da minha pesquisa.

CAPÍTULO _ 2

LETRAMENTO E LEITURA: um desafio.

Soares (2012) compreende que o letramento é um agrupamento de competências e maneira de compreender desde uma simples interpretação de sílabas ou palavras, até estar capacitado para desvendar grandes autores da nossa literatura brasileira. Para a autora a leitura é um processo neural e copioso, que compreende uma longa caminhada. Cabe ao indivíduo saber em que ponto desse processo ele se encontra para ser considerado uma pessoa alfabetizada.

Leal, Albuquerque e Morais (2007), no livro *Ensino Fundamental de nove anos*, afirmam que é na convivência com a língua oral que a criança desde tenra idade já traz consigo o contato em distintas conjunturas. Por meio da verbalização, a criança se insere e se integra ao meio, experimentando diversas situações, e ao mesmo tempo, troca e recebe informações sobre ele.

Morais e Albuquerque (2004), acreditam que para “alfabetizar letrando, é necessário: (i) democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita; e (ii) ajudar o estudante, ativamente, reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética” (p. 71).

Para Soares (2012) no letramento haverá sempre uma ação e reação: Ele é o resultado adquirido coletivamente ou individualmente quando se encontra no estado de letrado. A autora afirma que não é fácil esclarecer esse tema, porque é algo que envolve outros fatores, em razões das múltiplas competências como a leitura, os procedimentos culturais e condutas comportamentais.

Segundo Soares (2012 *apud* Scribner, 1984, p. 8). afirma que em certo momento, a habilidade de

escrever o próprio nome era comprovação de letramento; hoje, em algumas partes do mundo, a habilidade de memorizar um texto sagrado é a principal demanda de letramento. O letramento não tem uma essência estática nem universal. (SCRIBNER, 1984, *apud* SOARES, 2012, p. 79).

Acredito que hoje, o indivíduo que saiba assinar seu próprio nome, não é indicativo de que seja letrado. É necessário que o sujeito compreenda o contexto em

que está inserido e desenvolva potencialidades que o leve ao conhecimento do mundo e de si.

Segundo Soares (2012), é evidente que a escrita acompanha o indivíduo no seu processo de formação. Aquele que está alfabetizado, conseqüentemente reescreve seu futuro se apropriando das transformações que ocorrem na sociedade, tornando-o sujeito capacitado e envolvido em movimentos, causas sociais e culturais. Enfim, a escrita transforma o sujeito para que o mesmo transforme o meio em que vive.

Monteiro e Baptiste (2009), em suas pesquisas concluíram que ler e escrever texto ou carta, ainda que de maneira simples, não detecta os diferentes graus de instrução da linguagem escrita. Ainda que letrado, o indivíduo é incapaz de formular conceitos e expressões no meio social, não compreende o aprimoramento da linguagem escrita e seus respectivos fenômenos linguísticos. Por essa razão, orientam alguns catedráticos a utilizar o termo “letramento”, que veio da palavra inglesa “literacy”, como maneira de denominar o estado ou condição que cada sujeito ou grupo de sujeitos passam a receber a partir da aquisição da escrita.

Acredito que não é fácil os problemas que implica os processos educativo, qual metodologia seria mais adequada para o trabalho com a alfabetização, os gêneros textuais e suas implicações, a questão da oralidade, como esse sujeito desenvolverá capacidades para organizar as atividades se apropriando de recursos que facilitem sua compreensão.

Em razão dessas acepções que envolvem a aquisição da leitura e escrita, fica visível a complexidade do processo de alfabetização. Assunto este que requer do profissional da educação, da sociedade maior entendimento e atenção. A seguir apresento uma reflexão acerca da alfabetização e suas implicações no âmbito escolar.

2.1 ALFABETIZAÇÃO: base sólida da vida

Freire (1989) relata que desde a infância aprendemos a observar o mundo em que estamos inseridos. Que antes de estar em contato com a leitura e aprendendo a escrever frases ou palavras, lemos o que nos cerca. O autor afirma que o

conhecimento que adquirimos na infância é pouco. Necessitamos ser mais curiosos e ir além, buscar conhecer o universo que nos é apresentado e aquele que ainda nos parece estranho.

A Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional de nº 9.394/96 estabelece na seção III do ensino fundamental no Art. 32. “Que o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:”

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. (BRASIL, 1996).

Acredito que a leitura e a escrita constituem-se como fatores primordiais na construção do sujeito, compreendendo o meio em que vive, refletindo as práticas sociais e suas responsabilidades no contexto social.

Albuquerque (2007) adverte sobre o significado da palavra alfabetização e discorre que a definição é algo que não o preocupa, uma vez que esse termo já é do conhecimento do sujeito. Que sua definição resulta no processo da aquisição de conhecimento de ensino e aprendizagem, na ação da escrita e leitura. E deixa um questionamento: o que significa escrever e ler? A autora afirma que com o passar do tempo essas questões foram ficando cada vez mais difíceis de serem entendidas e que somente a partir de 1990, uma nova terminologia foi definida: “O letramento”.

Nogueira e Medeiros (2011) explicam que em razão das implicações que envolvem a aquisição da leitura e escrita, fica visível a complexidade do processo de alfabetização. E que na classe média o sujeito já é beneficiado por informações oriundas do próprio local em que reside, tendo contato com a literatura, cinema, teatro e outros facilitadores que ajudam na compreensão e na aquisição de conhecimento desde muito cedo. Enquanto que o indivíduo pertencente às classes de baixa renda, também estão suscetíveis ao contato com o letramento, mas com menos aportes. No contexto familiar a questão de ser ou não ser alfabetizado não influi no seu cotidiano. A ausência dessa informação é algo cultural, enraizada na comunidade.

Medeiros (2010) defende que as práticas vivenciadas pela

criança fora da escola precisam fazer parte do que é ensinado na escola, seu cotidiano, sua cultura, sua linguagem, seu movimento, seu saber é o que constitui esses seres desprovidos de muitas coisas, mas detentores de uma capacidade de aprender[...].MEDEIROS, 2010, p. 146).

Segundo Sampaio (2008), o caminho para se chegar à alfabetização é árduo, cheio de obstáculos. E adverte-nos, “A alfabetização das crianças das classes populares é parte do movimento contra – hegemônico em uma sociedade como a nossa – ainda seletiva e excludente. Disso não podemos nos esquecer”! (p. 105).

Acredito no poder transformador da educação. Experiência que ocorreu comigo, transformando minha vida e conseqüentemente meu futuro e talvez quem sabe, possa transformar a vida das crianças pesquisadas. No próximo subcapítulo apresento as dificuldades da alfabetização na realidade escolar.

2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: realidade das escolas brasileiras.

Neste subcapítulo abordarei aspectos a respeito das dificuldades encontradas na aprendizagem de crianças. Acredito que este assunto, seja algo polêmico e bastante discutido nos corredores das escolas e principalmente nas conversas entre os profissionais da educação.

As dificuldades no contexto escolar são visíveis, evidenciando o papel da escola enquanto instituição de ensino no processo de aprendizagem da criança.

Para Souza e Silva (2011), os alunos que são diagnosticados com problemas de difícil aprendizagem, precisam de um olhar especial, para que possam ser orientadas por meio de um ensino diferenciado, podendo assim trabalhar suas aptidões. Quanto mais rápido for feito este diagnóstico, melhor será a solução do problema. É necessária ajuda de especialistas como: Psicopedagoga Clínica, Fonoaudióloga, Psicóloga, Oftalmologista e Neurologista.

Acredito que tanto a escola quanto a família são responsáveis pela educação da criança, tendo a obrigação de protegê-las, encaminhá-las ajudando e garantindo a sua formação intelectual.

Segundo Souza e Silva (2011), os problemas com a alfabetização devem ser resolvidos e para que isso aconteça é importante que os professores e a família estejam atentos para a busca da solução mais adequada, respeitando aspectos de sua vida e verificando o grau de aprendizagem da criança.

Para Souza e Silva (2011) a construção de espaço que proporciona o contato com o livro na educação infantil, faz com que o sujeito sinta-se a vontade para desempenhar o processo de leitura, tornando esse momento prazeroso. As autoras entendem que o educador deve compreender as dificuldades apresentadas nessa fase, respeitando-as evitando comparações com os demais colegas, ao expô-las a discussões que possam deixá-las constrangidas perante os outros.

No capítulo seguinte trago uma discussão sobre o Teatro na educação e sua contribuição para a formação dos indivíduos e na sequência apresento os benefícios que a Contação de Histórias trás no processo educativo.

CAPÍTULO – 3

TEATRO E EDUCAÇÃO: uma junção que faz bem

Segundo Reverbel (1989), não é de agora que os estudiosos e profissionais de ensino, lutam na esperança de que alguém possa de fato, ver a junção das linguagens: Teatro e a Educação.

O filósofo Platão já sabia da valorização do jogo como algo essencial para a formação da criança. Para ele, sem a brincadeira, as crianças cresceriam e se tornariam adultos com problemas de comportamento (REVERBEL, 1989).

Segundo Rubem Alves: “A primeira tarefa da educação é ensinar as crianças a serem elas mesmas” (2003. p. 14). No meu ponto de vista, é o que a escola, a partir de suas possibilidades, tenta fazer. Contudo, é desafiador, uma vez que a escola utiliza uma metodologia antiquada, representada por uma realidade que se distancia da realidade das crianças, de seus sonhos e desejos.

Segundo Hartmann (2009) no Brasil e no mundo a Educação pela Arte ou Arte – educação

vem conquistando um relevante espaço de ação e discussão, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar formal. Não temos a pretensão de estabelecer “o” lugar que a Arte-Educação ocupa na contemporaneidade, mas apresentar brevemente o contexto de inserção dessa forma de conhecimento lúdica, criativa, onírica e sinestésica, para dizermos o mínimo, na sociedade brasileira nos dias de hoje. (HARTMANN, 2009, p.8)

Acredito que o contato da criança com a arte já vem desde muito cedo. Esse contato acontece por meio das leituras de contos infantis, cantigas de rodas e poesias, entre outros. A aprendizagem de escuta de histórias infantis faz a criança utilizar a imaginação, criando nela a vontade de brincar, aprendendo por meio do universo da fantasia. Dessa forma, descortina-se outra realidade no cotidiano da criança. Ela se envolve com brincadeiras que a permitem sentir-se livre para jogar no mundo mágico e divertido que é o do faz-de- Conta.

Para Camargo (2003), a arte é a primeira linguagem do homem. Antes mesmo de escrever, o homem.

Primitivo já fazia desenhos nas cavernas; depois passou a utilizar dança o teatro, a poesia, o canto e a música para expressar suas emoções. O teatro como arte, foi formalizado pelos gregos e reconhecido como demonstração

de cultura e conhecimento, mas tem sua origem mais remota na Pré-História, quando se acreditava que o homem primitivo encantava-se com sombras das mãos movendo-as nas paredes das cavernas. É o teatro por excelência, uma arte que exige do homem sua presença de forma completa (CAMARGO, 2003, p.36).

Na antiguidade, o homem era dotado de atividades artísticas, utilizava rituais, imprimindo suas habilidades em cavernas. Tempos mais tarde, na idade média, agregou o teatro, a dança, a poesia e o canto a suas expressões.

Camargo (2003) assegura, que uma das maiores realizações dos gregos foi sem dúvida, o teatro,

resultado da união da poesia e da música, cuja influência continua até hoje. No início, esses feitos eram contados (narrados) de forma monódica (monólogo das antigas tragédias, executado por uma voz); com o passar dos tempos, os cantos foram evoluindo para mais de uma voz, dando início ao canto coral. Esses cantos também podiam ser de forma que uma voz cantasse e outra respondesse, surgindo aí os concursos de ditirambos. Aos poucos, os cantos foram sendo acompanhados pela representação, surgindo o teatro. Os vencedores dos concursos anuais de teatro eram considerados heróis nacionais. (CAMARGO, 2003, p. 36).

Camargo (2003), afirma que a união de várias habilidades como a música e a poesia foi algo positivo, que determinou o surgimento do teatro que conhecemos hoje. As ações desenvolvidas através de narrativas e monólogos das antigas tragédias, que utilizava a voz e o diálogo, foram se desenvolvendo culminando no que conhecemos hoje como canto coral. Marcando o surgimento dos concursos de ditirambos. Aos poucos esses hinos eram seguidos pelas representações, nascendo então o Teatro e os protagonistas da época.

Para Reverbel (1989) há muitos anos atrás o Teatro era considerado como uma reprodução que teria como objetivo educacional dar lição de moral aos indivíduos. As manifestações teatrais eram vistas como algo que se impunham as grandes autoridades que comandavam o povo, instigando a população a conflitos sociais, morais e emocionais, por isso eram mal compreendidas.

De acordo com Dolci (2005), poucas são as escolas brasileiras que já implantaram as práticas teatrais em sala de aula e outras introduziram no currículo com atividades de jogos. É na área educacional que o Teatro precisa conquistar seu lugar.

Dolci (2005) nos atenta sobre as vantagens que o Teatro proporciona e sua importância dentro das instituições de ensino, e que há muitas discussões em relação à nova perspectiva educativa, garantindo aos envolvidos, livre expressão e conscientização de sua participação na construção do saber. A autora relata que apesar da existência de professores que acreditam no Teatro como disciplina existem educadores que não concordam que as práticas teatrais possam constituir-se num processo de formação do indivíduo.

Para Oliveira (2011), a importância do Teatro tem sido indicada por muitos profissionais da Pedagogia, que deixam claro suas ideias acerca da grandeza e do significado do Teatro nos processos de ensino.

Oliveira (2011) afirma que a mais contundente argumentação de que o Teatro é uma condição de educação, está no próprio acontecimento teatral, no qual existe uma relação entre ator e espectador, revelando que um sujeito coloca-se no lugar do outro e é observado por um terceiro. A ação de

se colocar no lugar do outro já é um movimento de aquisição de consciência de si e do mundo que o cerca. O observar o outro estabelecendo com este uma situação de dialógica é por excelência uma relação na qual há ensino e aprendizagem. (OLIVEIRA, 2011, p. 36)

Acredito que o contato estabelecido, mesmo numa ação de se colocar no lugar de outro, por si só referencia uma relação de comunicação. A linguagem estabelecida determina a troca de conhecimento num simples ato de se observar o diálogo entre ator e espectador.

De acordo com Reverbel (1989), o Teatro já conquistou seu lugar na sociedade. O que importa é agregá-lo a educação. O Teatro pode ser uma das via de acesso mais eficaz para conduzir o indivíduo numa nova perspectiva de vida, de pensamento crítico e de relacionamento com o outro e o mundo.

Camargo (2003) assegura que o aluno na educação infantil poderá se desenvolver corporalmente com mais facilidade, tomando conhecimento de seu corpo e se comunicando melhor. Para o autor o Teatro oportuniza o efeito de realização de “jogo”, porque o corpo por si só, traz consigo essas acepções físicas, dos sentimentos, das ações que já vêm emanadas de energias positivas que são bastante significativas. As dinâmicas de jogo não dispensam as práticas corporais, pelo contrário, coloca em evidências essa característica corpórea que muitas das vezes os alunos não tomam consciência.

Acredito que o trabalho corporal inserido pelo Teatro educação aproxima-se da Contação de Histórias no momento em que as crianças dramatizam a história que escutaram, dessa forma, a aprendizagem pode se tornar lúdica e prazerosa para a criança.

Segundo Reverbel (1979), para que no futuro o teatro na educação

assuma o seu verdadeiro papel, que é o de contribuir para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, correspondendo fielmente aos seus anseios e desejos, respeitando-lhe as etapas do pensamento que evolui do concreto para o formal, para dar-lhe uma visão de mundo a partir da marcha gradativa das suas próprias descobertas é preciso que se atendam dois pontos essenciais: - a preparação dos professores; - o apoio governamental, isso é, uma efetiva ação do Ministério da Educação e da Cultura. (REVERBEL, 1979, p. 155)

Acredito que há anos, os profissionais da área da educação e do Teatro já se preocupavam com a importância que o fazer teatral exercia nas escolas da época. Reverbel (1979), em seu tempo, já compreendia essa questão e trabalhava para que as autoridades tivessem mais empenho e reconhecimento diante de uma matéria tão importante para a educação. O investimento na formação de professores é fundamental para que no futuro como o de hoje, se possa vivenciar a concretude e as transformações ocorrentes destes investimentos, para que esses profissionais possam exercer suas profissões, priorizando a qualidade do seu trabalho. O Teatro como disciplina, cumpra seu papel de fato, de contribuir para a formação social, intelectual e pessoal do sujeito.

Segundo Koudela e Santana (2005) a importância do teatro hoje é vista de maneira diferente do ponto de vista epistemológico,

há algum tempo, os fundamentos do teatro na educação eram pensados a partir de questões dirigidas ou formuladas pela psicologia e educação, indicando o caminho a orientar. Hoje a história e a estética do teatro fornecem conteúdos e metodologias norteadoras para a teoria e prática educacional. Podemos dizer que a situação se inverteu, sendo que especialistas de várias áreas e em vários níveis de ensino – da educação infantil ao ensino superior – buscam a contribuição única que a área de teatro pode trazer para a educação. (Koudela, SANTANA, 2005, p. 147).

Koudela e Santana (2005) discorre que apesar da complexidade que norteia a educação em nossos tempos, o destino que se deve seguir ainda, está na busca do sujeito e no seu papel representativo dentro da sociedade. Que esse processo de inserção do Teatro na educação, se dará através de metodologias diferenciadas, que

abrange diferentes culturas e contextos que provoque interesse e não distanciamento.

No próximo subcapítulo apresento a Contação de Histórias e a sua importância como motivadora nos processos de alfabetização de escolares.

3.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: quer ouvir uma?

Acredito que a Contação de História pode estar presente no processo construtivo de aprendizagem da criança, em sua aquisição de conhecimento, principalmente na alfabetização. A criança ao escutar uma história, pode integrar-se a um universo de sonho, de alegria, de sociabilidade na convivência com o outro, compartilhando conhecimentos, despertando a curiosidade e desfrutando de uma liberdade sadia de poder criar um mundo de faz de conta.

Radman (2008) afirma que a responsabilidade da escola é de interferir como agente atuante na constituição de leitores, e como profissionais da educação, essa é a missão de todos nós educadores.

Para Simões (2000), contar histórias a uma criança pequena é uma

atividade bastante corriqueira, nas mais diversas culturas do mundo e em várias situações, tanto no âmbito familiar como no escolar. Como se sabe, essa prática vem se reproduzindo através dos tempos de maneira quase intuitiva. Contudo, alguns estudos já demonstraram o importante papel que as histórias desempenham nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem humana. As histórias infantis são utilizadas geralmente pelos adultos interlocutores (sejam pais, professores ou terapeutas) como forma de entretenimento ou distração; já que, pelo senso comum, freqüentemente a criança sempre demonstra um interesse especial por elas, seja qual for a classe social à qual pertença. (SIMÕES, 2000, p. 23).

Acredito que a Contação de Histórias para crianças não é, e nunca será uma novidade. Essa habilidade já existe desde gerações passadas e se perpetua até hoje. Está muito presente nas nossas raízes, na nossa cultura, no meio familiar e em algumas instituições de ensino.

Coelho (2008) acredita que a linguagem na literatura infantil determina também as experiências vivenciadas na vida de cada sujeito. Esse tema é de suma importância no processo educativo e no contato com o outro, na construção do imaginário e na sua expressividade. O autor relata que na fase de iniciação a leitura em que é envolvida a criança, há uma junção de mundos distintos, que é o do Faz

de Conta e o da realidade, mostrando a ação do imaginar, do contato e do desejo com as fantasias(COELHO, 2008).

Creio que a figura do Contador de Histórias, por si só já desperta na criança o interesse em ouvir histórias e conseqüentemente a curiosidade pela leitura.

Couto (2008), afirma que na África muitos habitantes

não sabem ler nem escrever. Mas sabem contar histórias. E sabem escutar. São pessoas que guardam essa meninice dentro de si e acreditam que esse olhar de criança é importante para ser feliz e produzir felicidade para os outros. (COUTO, 2008, p. 38).

Penso nesse olhar próprio da criança que é puro, desenvolvendo a criatividade e percepção das coisas, a imaginação do mundo que está a sua volta. Essas atitudes espontâneas reveladas na infância proporcionam a elas, o direito de ser feliz, de brincar, correr, pular, imaginar e recriar um universo de fantasia.

Segundo Oliveira (2012), a maneira de se contar uma história para criança deve ser prazerosa, oportunizando a criança a amplitude de suas habilidades, cujo significado exerce importância para sua vida enquanto pessoa e estudante.

De acordo com Miguez (2000) a construção da leitura na sala de aula merece

cuidados especiais por parte do professor. O livro de literatura é um objeto de arte com características particulares oriundas de uma experiência criadora. Enquanto arte da palavra, o texto literário semeia diversos sentidos na busca de um cultivo plural de leituras. Cabe a cada leitor a cultura desse solo criativo de descampado feito. O ato de ler atualiza esse processo revelador da arte da palavra desenvolvendo a expressão do sujeito leitor numa dimensão crítica-reflexiva. É dentro dessa perspectiva, então, que a prática leitora do livro infantil deve se manifestar no convívio da sala de aula" (MIGUEZ, 2000, p. 15).

Acredito que a importância do livro e da leitura em sala de aula são princípios que envolvem responsabilidades por parte da escola. Por isso, o cuidado que se deve ter para a realização das atividades de Contação de Histórias, observar o lugar adequado, o uso do acervo da biblioteca, as narrativas literárias bem desenvolvidas, aproximando aluno e contador, estabelecendo a confiança e possibilitando a formação de leitores interessados e participativos.

Oliveira (2012) afirma que o professor é que inicia de maneira descontraída e interdisciplinar, a inserção de histórias em seu conteúdos, e que esse trabalho com a literatura e a elaboração dessas atividades, também está ligado as experiências de vida desses indivíduo.

Para Abramovich(1997) é importante para formação de

[...] qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo..." (ABRAMOVICH, 1997, p16).

O educador precisa dar credibilidade às invenções das crianças. Ao escutar histórias de seu agrado, elas começam a correlacionar os acontecimentos e situações das próprias vivências, em virtude de que a ação de contar histórias facilita que a criança tenha maior e melhor entendimento do mundo, oportunizando a execução de papéis sociais de maneira independente e abalizador (OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2012) propõe que a expressividade na leitura é essencial, afim de estimular na criança o que é natural, recriando o hábito e o gosto pela leitura, cabendo ao profissional da educação ser o disseminador das práticas educativas, através da contação de histórias.

Também acredito que o exemplo é a melhor maneira de inserirmos a criança no mundo da leitura. Se o processo de leitura começa em casa se torna importante criar o hábito diário da leitura. É do conhecimento de quem faz essa prática de Contação de Histórias, conhecer critérios e utilizar-se de técnicas apropriadas.

Ambrovich (1997) destaca as técnicas para a Contação de Histórias. Para ela escolher sempre antes o livro; se familiarizar.

[...] com a história antes de ser lida para as crianças; Aproveitar o texto; Evitar descrições imensas e cheias de detalhes; Saber usar as modalidades e possibilidades; Saber começar o momento da Contação;Mostrar à criança que o que ouviu está impresso; Diálogo (discurso indireto livre) (Ambrovich, 1997, p. 18 a 22).

Penso que para ser um bom contador de histórias, antes de tudo deve gostar de ler, de estar perto dos livros, ter prazer com a leitura, imaginação, curiosidade e procurar envolver e prender a atenção das crianças durante as narrativas. Saber encantar a todos e oportunizar as elas, aproveitar o momento e ter a compreensão das histórias contadas. Todas essas questões devem ser levadas em considerações, para que uma boa seção de Contação de Histórias se realize, seja satisfatória, prazerosa e descontraída.

Dando seguimento apresento a metodologia da pesquisa e a análise de dados.

CAPÍTULO – 4

4.1 O MÉTODO, OS SUJEITOS PESQUISADOS:

Para responder a questão de pesquisa, a metodologia utilizada foi Estudo de Caso, numa abordagem qualitativa e pesquisa-ação, pautada na observação feita pela pesquisadora no caderno de campo, na sondagem feita à professora sobre os alunos antes da realização das atividades e na entrevista semiestruturada com a professora da turma. Assim delinhei as dificuldades da alfabetização das crianças do 1º ano e as repercussões das atividades realizadas durante a pesquisa.

A Escola em que foi realizada a pesquisa está localizada num Bairro periférico na cidade de Pelotas – RS. Foi fundada no ano de 1989 e possui hoje um total de 605 alunos, distribuídos em quatorze turmas de primeira a quarta séries e oito turmas de quinta a oitava séries, funcionando nos turnos manhã e tarde. A situação sócio econômica dos estudantes é de baixa renda.

Escolhi realizar a pesquisa nesta escola, pelo motivo de morar no mesmo Bairro, por já manter um contato com a instituição e também porque quis conhecer a realidade e as problemáticas enfrentadas pela turma das séries iniciais.

As oficinas de leituras foram desenvolvidas entre os meses de Agosto a Dezembro de 2012, nas segundas-feiras com duração de duas horas cada encontro.

No primeiro encontro ficou acordado com a direção da escola e com a professora da turma, que seria construído um espaço, na biblioteca ou na sala de Vídeo para a realização das atividades (Fig.1).

Não foi possível desenvolver o trabalho na biblioteca, pois ela estava sendo organizada em função do recebimento de livros didáticos. Dessa forma precisei adaptar as atividades utilizando outros espaços, como: sala de vídeo, sala de aula e sala de informática.



Figura 1: O espaço organizado para a leitura.

Realizei a pesquisa na turma de 1º ano do ensino fundamental, que era formada por vinte e cinco alunos. Sendo destes nove meninos e dezesseis meninas, na faixa etária de seis anos. Escolhi fazer a pesquisa com apenas 6 crianças, que se reduziu a 5, pois uma delas foi transferida para outra escola. Utilizo os seguintes codinomes para essas crianças: R 1; P 2; A 3; I 4 e M 5.

A escolha destes cinco alunos se deu depois de uma conversa com a professora, onde me foi confidenciado que estas crianças eram os que mais tinham dificuldades de aprendizagem e eram os mais afastados, desconfiados da turma e foram o que mais me surpreenderam com suas atitudes e desinteresse pelas aulas.

É sabido que a maioria deles possuíam dificuldades de aprendizagem, seja no letramento e/ ou leitura e na socialização com os outros colegas. Também a razão da escolha se deu, depois de uma conversa com a professora, onde me foi apontado os alunos com mais dificuldades de aprendizagem, entre alguns deles, o que mais me surpreendeu foram essas cinco crianças.

As crianças tiveram contato com a leitura, discussões sobre as histórias contadas, escreveram, desenharam, brincaram, pintaram e também participaram como personagens e espectadores. Assim, a leitura foi apresentada de forma prazerosa e lúdica. As relações de livros lidos foram de um por semana, e os contos escolhidos foram dos livros do acervo da biblioteca da escola. Após a história, eram realizadas atividades de acordo com as histórias lidas.

Exemplos de atividades desenvolvidas nos encontros de Contação de Histórias:

Atividade realizada no dia 20 de Agosto, depois da Contação de História, do Macaco Danado de Julia Donaldson e Axel Scheffler, além do contato com o livro, também foi de encenação. Onde se trabalhou o jogo dramático, com exercícios de interpretação das ações ocorrida na história. Cada aluno representou o protagonista da história que era macaquinho que havia se perdido de sua mãe.

No dia 27 do mesmo mês, foi proporcionada atividade depois da Contação de Histórias de Romeu e Julieta de Ruth Rocha, a dinâmica da dança das cadeiras, onde se trabalho o grupo, o coleguismo e a atenção.

No dia 3 de Setembro, depois da Contação de Histórias de Elias José (O ABC DO Trava Língua), foram desenvolvidas atividades de ensino e aprendizagem com a escrita alfabética. Foi entregue a eles uma folha em branco e eles tinham que escrever o alfabeto de acordo com a letra sugerida na história.

Nessa dinâmica percebi que muitos ainda não conheciam o alfabeto e tinham dificuldades de memorizá-las. De acordo com esse diagnóstico foi que me ocorreu de na próxima aula, levar a eles atividades de memorização.

Na semana seguinte, ao término da Contação de Histórias da Fada que Soluçava de Ângela Carneiro, foi desenvolvida exercício de memorização com cores e frutas. O grupo se posicionou em círculo e então, eu comecei dizendo uma cor e os demais alunos continuavam a até que alguém repetisse a mesma cor, e então a dinâmica recomeça com outra palavra (fruta).

No dia 27 de Setembro contei a eles a história do Gnomo Sinot e o Treco na Glote de Silvia Ortof. Depois do conto, foi trabalhado o desenho a mão livre dos personagens da história. Nessa atividade foi observada a criatividade e a habilidade que uns já trazem consigo desde a infância em relação aos traços, a maneira de desenhar. Enquanto uns eram habilidosos, outros não sabiam se quer desenhar qualquer objeto o mais simples que fosse.

No dia primeiro de Outubro a história contada foi Assim Assado de Eva Furnari. E nessa ocasião foi desenvolvida atividades de escrita do próprio nome. Cada um foi até ao quadro escrever seu primeiro nome. A maioria se saiu muito mal, e a dificuldade maior foi no reconhecimento das letras. Em razão desse problema, foi pensado na próxima semana levar a eles atividades relacionada a origem do nome e a questão de gênero.

E no dia 8 de Outubro contei a eles a história escrita por mim, “Nicolau o Sem Fome”. Depois do conto, foi trabalhada a questão da escolha de seus nomes, identidade e gêneros. O porquê das escolhas de seus nomes, se eles sabiam por que os pais haviam escolhido o nome de cada um deles. Que a escolha do nosso nome era muito importante e porque que na sala haviam mais meninas do que meninos.

Foi uma aula muito significativa para eles e para mim, porque trouxe a questão da identidade, da origem e o quanto isso é importante para a compreensão da nossa história enquanto pessoa no mundo.

E assim foram desenvolvidos os encontros com a turma, para cada histórias contada, se trabalhava algum tipo de atividades.

Quanto ao comportamento da turma, percebi que estavam sempre levantando da cadeira, conversando com os colegas, brigando e brincando com o colega. Comportamento normal e espontâneo de qualquer criança.

Fui para sala de Vídeo e preparei o ambiente para esperá-los. Organizei os colchonetes no chão e sobre eles espalhei diversos livros. Utilizei músicas de cantigas de roda para ambientar a sala (Fig. 2).



Figura 2: Preparação da sala para observação.

Depois de organizada a sala, finalmente as crianças puderam desfrutar daquele ambiente diferenciado do que eles estavam acostumados. Percebi neles uma sensação de liberdade e depois de uma breve apresentação pedi para que todos ficassem bem à vontade e que escolhessem os livros que quisessem ler.

Todos foram para os colchonetes manusear seus livros e sentei-me numa cadeira e fiquei a observá-los.

Em seguida, fui chamando um por um e perguntando sobre o livro escolhido e se poderiam ler para mim o título da história. Foi então, que detectei naquele momento, que os problemas com a leitura eram visíveis e preocupantes em alguns dos alunos.

Nesse mesmo dia, foi realizada a leitura da história “Valentina”. Foi interessante observá-los enquanto contava esta história, porque todos correram para sentar-se perto de mim. Às vezes, ocorriam confusões por conta disso: todos queriam a mesma coisa, ou seja, ficar abraçados na Contadora de história.

Dando prosseguimento, apresento a análise dos dados indicados no capítulo anterior.

4.1 ANALISANDO OS DADOS: Todo jardim começa com um sonho de amor

Escolhi está frase porque a meu ver, a iniciação de um jardim em uma casa começa com um sonho de amor. Amor pela natureza e todas as formas de vida que ela nos oferece.

Segundo Müller (2007) em *Histórias de Crianças e Infâncias*, retrata que na Idade Média:

Os desejos, os valores, as atitudes, as formas de vida estavam fortemente entremeados com o poder religioso. A natureza pecadora dos humanos, na natureza inferior da mulher, a natureza imperfeita da criança. (MÜLLER, 2007, P. 95).

Penso na evolução da criança e sua inserção na escola, o acompanhamento no seu primeiro dia de aula, frágil, desprovida de conhecimento, necessitando de cuidado, amparo e proteção, para que no futuro se transforme num adulto multiplicador de todo conhecimento que adquiriu na infância.

A seguir reflito os achados desta investigação através dos referenciais teóricos, que são relevantes para responder a minha questão de pesquisa: Qual a repercussão da Contação de Histórias a partir da linguagem teatral em estudantes com dificuldades no letramento e leitura do 1º ano do ensino fundamental?

Na aula de 1 de outubro de 2012, cheguei à escola decidida a investigar qual deles tinha dificuldades na escrita. Depois da Contação de Histórias, conversamos sobre a questão da origem de seus nomes. Então sugerir que cada uma fosse ao quadro escrevesse o nome. Para minha surpresa, a maioria tiveram dificuldades na escrita e conhecimento das letras.

Em capítulo anterior compreende-se que em razão das dificuldades relacionadas à alfabetização, a questão da leitura e escrita se torna mais complicada e que isso se agrava mais nas classes de nível social mais baixo. O sujeito que vive num bairro de classe média, as informações que eles recebem no ciclo familiar condizem com o seu meio, ou seja, seu contato com a literatura, cinema, teatro e outros tipos de conhecimentos serão maiores. Enquanto que aquele indivíduo que mora numa zona periférica também terá acesso ao letramento, mas isso acontecerá com mais dificuldade pelos poucos estímulos existentes na sua cultura. Também trazem à tona as dificuldades que o próprio docente enfrenta na execução dessa tarefa. (NOGUEIRA, MEDEIROS, 2011).

Numa conversa com a professora da turma, no dia 24 de Setembro de 2012, sobre as dificuldades de leitura e escrita, dados registrados no caderno de campo apontaram que essas problemáticas são mais comuns do que supunhamos, e quando acompanhadas dos problemas psicológicos, assumiram nas minhas observações algo preocupante, por exemplo, a respostas da professora da turma: “Tem que ter um professor especializado para lidar com esses alunos”.(VOLZ, 2012).

Não é fácil compreender os problemas que envolvem os processos que levam à alfabetização e os fatores que implicam sobre esse assunto. É um tema complexo, que acompanha a criança por um longo período e envolve várias habilidades e competências. Portanto, é uma fase que ela precisar saber interpretar as palavras, conhecer as sílabas, estar em condições e preparada para ser alfabetizada. (SOARES, 2012).

Em outro momento de uma aula, isso aconteceu no dia 20 de Agosto de 2012, fizemos uma atividade bem divertida. Após ler na Contação de Histórias a história do “Macaco Danado”, (que se resumia num filhote que havia se perdido de sua mãe e que saiu sua procura na floresta), propus que eles encenassem a história contada. Havia construído uma caixa surpresa e dentro dela tinha vários objetos como figurinos, máscaras, lenços entre outros objetos utilizados no Teatro. Deixei-os

a vontade para decidir seus personagens. Era uma turma grande, tive que dividir o grande grupo em subgrupos e assim, eles puderam ir para cena com os seus respectivos personagens. As aulas de Teatro são dinâmicas e expressivas, pois são desenvolvidas com músicas, atividades lúdicas como expressão vocal e corporal.

Para minha surpresa, todos se saíram muito bem. Até aqueles que não se interagem muito na sala, como era o caso do P-2 e R1 que se ofereceu para ser o protagonista da história, foi muito gratificante. O Teatro foi apresentado a eles de forma prazerosa, educativa e construtiva. Porque se trabalhou naquele momento a questão de ser ator, espectador, o trabalho em grupo, a atenção, o coleguismo, a criatividade entre outros aspectos que oportuniza o fazer teatral.

Não é de agora que a dança, a música, a literatura e o Teatro, eram meios de conhecimento, considerados de suma importância desde a Antiga Grécia. Reverbel (1989) argumenta que alguns professores, trabalham no sentido de que o teatro seja inserido nos processos educativos, e isso já vem ocorrendo há muito tempo.

Na análise de profissionais da área educacional, essas práticas teatrais já podem ser vista nas escolas. Camargo (2003) discorre que o Teatro nas séries iniciais oportuniza a crianças descoberta de suas potencialidades, através de atividades e jogos que são construídos e vivenciados na sala de aula.

Na orientação de Dolci (2005), são poucas as instituições de ensino que agregam o ensino de Teatro como atividade curricular. E que, essas práticas ainda estão longe de serem de fato efetivadas no contexto das escolas.

No encontro que ocorreu na sala de informática, aconteceu algo que me deixou muito indignada. Não sabia que a aula incomodava as outras turmas. Fui chamada pela direção e notificada que estávamos fazendo barulho e deixaram explicito que seria melhor continuarmos com as atividades na sala de aula. Sabemos que algumas escolas públicas, não possuem espaços apropriados para desenvolver atividades de Contação de Histórias e muito menos para a leitura, tornando difícil a realização deste momento de aprendizagem.

A importância da construção de espaços que proporcionem a leitura para as séries iniciais, já havia sido comentado anteriormente, pois desta forma as crianças ao sentirem-se a vontade terão prazer na leitura. (SOUZA, SILVA, 2011).

Entretanto vale a pena mencionar que outros autores também já se posicionaram em relação às construções desses espaços. Conforme aponta Berlim (2004) não são somente as crianças com problemas especiais de visão que

necessitam de um ambiente próprio para a Contação de Histórias. As crianças “ditas normais” também passam por dificuldades em relação ao lugar para o desenvolvimento dessas atividades.

O acompanhamento da família na vida da criança, quando ela se inicia nos processos educativos é de suma importância. Esse cuidado começa em casa e tem continuidade na escola, por isso, esses laços entre família e escola devem se estreitar. Na medida em que escola e família trabalham com o mesmo objetivo, proporcionar ao aluno, melhor desempenho fora e dentro da escola. Para meu espanto a professora da turma comentou: “Os pais dos alunos nunca vêm à escola acompanhar o desempenho de seus filhos. É raro quando aparecem na escola”. (VOLZ, 2012).

Neste sentido, os pais que não participam da vida escolar de seus filhos, acabam por delegar as responsabilidades para a escola. A escola, por sua vez, não consegue dar conta de todos os problemas dos alunos. A participação da família na formação intelectual da criança é essencial para sua construção.

Em relação ao comportamento, ficou explícito que os sujeitos pesquisados não param sentados. Estão sempre agitados, incomodando e brigando uns com os outros. Não focam nas atividades que estão fazendo, dispersando-se facilmente. A maioria não sabe ler e nem assinar o próprio nome e isso os coloca às vezes, em situação de exclusão aos demais colegas.

De acordo com o trabalho de Souza e Silva (2011), em momentos anteriores, a reflexão sobre as problemáticas das dificuldades de alfabetização nas séries iniciais são pertinentes. Assunto que deve envolver uma compreensão maior por parte dos educadores.

Sampaio (2008), em sua perspectiva percebeu o quanto é difícil inserir o indivíduo no processo de alfabetização. Quando se trata das condições sociais, em que esse sujeito está inserido, as consequências são bem mais delicadas e explícitas. Vivemos num País, em que as classes dominantes detém o poder, e como nada é realizado para mudar essa situação, acaba por consequência excluindo os menos favorecidos.

A relação escola e família são fundamentais para o desenvolvimento do sujeito. Conforme já havia citado antes, as vivências fora da escola devem ser incluídas no contexto escolar, pois os estudantes trazem para a escola sua cultura,

seu cotidiano, sua linguagem, sua maneira de viver e dispostos a descobrir um mundo novo, cheios de possibilidades. (MEDEIROS, 2010)

Platão e Aristóteles segundo Reverbel (1989) em sua época já tinham a plena consciência, da atenção na questão do lúdico, como fundamental na construção e desenvolvimento da criança.

Penso que a escrita e a leitura são habilidades de suma importância nos processo da formação do indivíduo. A base fundamental para a formação da criança, contribuindo para seu aprendizado que se estenderá por toda vida.

O Teatro dentro da Contação de Histórias foi de suma importância para a turma, pois despertou neles o interesse pela leitura e também possibilitou trabalhar a alfabetização através das atividades que eram propostas, no final de cada história. Era atividades que envolvia o letramento, o conhecimento das letras (consoantes, vogais, numeral entre outros).

A maior parte das crianças envolvidas na minha pesquisa não sabia ler e nem escrever e isso as colocavam em situação de exclusão aos demais colegas. Informações coletadas através da presente pesquisa analisou-se que os problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais, dentro da Contação de História, suscitaram questionamentos sobre as consequências dessas problemáticas, que não estão relacionados somente com fatores ligados a educação, mas condiz com outras questões muito mais complexas que implica aspectos de ordens psicológica, familiar, emocional, social e cultural.

O resultado obtido da pesquisa em relação às dificuldades de aprendizagem que envolveu escrita e leitura podem afirmar que não foram satisfatórios, em razão mesmo de tempo. Foi somente cinco meses de ações na escola, um encontro por semana, e a meu ver, é pouco tempo para garantir uma objetividade de acordo com o planejado. Porém, a resposta para a minha questão de pesquisa, foi respondida positivamente, as repercussões ocorreram e me possibilitou a diagnosticar que os fatores que envolvem as dificuldades de aprendizagem, são variáveis desde problemas familiares, questões sociais, afetivas entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerro o presente trabalho, acreditando o quanto foi significativo, pois permitiu a abordagem de conteúdos importantes a respeito das dificuldades de aprendizagem, numa escola periférica do Bairro da cidade de Pelotas – RS.

O objetivo da pesquisa era que através da Contação de Histórias, numa turma de 1º ano do ensino fundamental, pudesse evidenciar e suscitar as problemáticas, que envolvem os processos de alfabetização.

O trabalho foi desenvolvido em capítulos e subcapítulos, entre os meses de Agosto a Dezembro, totalizando dezesseis encontros, uma vez por semana na escola.

O apoio veio através de temas que oscilaram entre história de vida da pesquisadora, suas dificuldades na infância em relação à aprendizagem, na reflexão a respeito do letramento e leitura e suas implicações no ensino.

Adentrando pela teoria, descobri conteúdos valiosos de suma relevância, dialogando e assumindo o quão significado exerce o Teatro e educação, e suas contribuições dentro do espaço escolar, através de contos literários. Sua contribuição para o ensino, contando com uma metodologia diferenciada em aula, que favorece o indivíduo na aquisição de conhecimento, através de atividades artísticas, lúdicas e construtivas, leva o sujeito a refletir sobre o universo ao qual está inserido e a sua devida participação neste contexto.

Ressalto as dificuldades de aprendizagem da criança, que é uma das preocupações latentes em nosso País e discuto uma forma, um meio para compreender que contar histórias se faz necessário dentro das instituições de ensino, na construção e formação do sujeito.

Por fim, apresento como foi realizado esta demanda, os indivíduo pesquisados, a metodologia, os dados coletados e as análises.

Partindo destas perspectivas é que foi elaborada a seguinte questão: Qual a repercussão da Contação de Histórias a partir da linguagem teatral em estudantes com dificuldades no letramento e leitura do 1º ano do ensino fundamental?

Essas repercussões tiveram êxito dentro da contação, no sentido de que, nas palavras da professora da turma: “Os alunos, em especial observados, são muito comprometidos intelectualmente. Eles gostam da dinâmica diferenciada da

Contação de Histórias. Mas sem qualquer entendimento da leitura e suas implicações”. (VOLZ, 2012).

Ficou explícito que houve um interesse maior na leitura. Eles se sentiram instigados a parar para ouvir histórias, comentar sobre os personagens, e isso foi algo positivo, no que diz respeito às questões relacionadas aos processos de alfabetização, não ocorreram transformações no sentido de evolução da escrita e leitura. Foram quatro meses de trabalho e isso a meu ver, é pouco tempo, para se conseguir os cumprimentos dos objetivos propostos, numa turma que já convive com essas dificuldades o ano todo.

Posso considerar nas palavras da professora da turma, sobre a minha intervenção na turma, como esta investigação foi positiva, despertando sim, neles, mais interesse em ler, a estar em contato com o livro.

Isso me deixou muito contente e motivada a continuar desenvolvendo ações que possam contribuir e ajudar os alunos da educação básica, principalmente àquelas vivendo em situações de risco, residindo em lugares desprovidos de conhecimento, onde nem sempre é oportunizado a conviver e ter acesso à cultura, a certos benefícios tecnológicos, a frequentar ambientes que propicie novas descobertas e possíveis saberes.

Apreendi muito com este trabalho e naturalmente saí dele, com uma visão de ter mais cuidado, com a escola, para a luta que os professores travam em busca de uma condição de vida digna, para melhor orientar, quem sabe, seus futuros sucessores.

Acabar de vez com essas deficiências que insiste em colocar as nossas crianças à margem do analfabetismo, da exclusão, no contato com drogas, prostituição e com todas as formas de vivências que não lhes garantirão viver de fato uma vida digna com sonhos realizados através do conhecimento e da própria educação.

Como futura educadora, aposto na transformação do sujeito, no desejo de mudança. Que todos podem mudar de vida e conseqüentemente transformar seu futuro, como eu fiz com o meu.

A educação está sempre com a mão estendida, para levantar aqueles que tropeçam e caem.

Eu fui uma que caí, mas levantei, graças a ela.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas Sobre Educação**. Verus Editora Campinas - São Paulo 2003.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BERLIM, Eugenia. **Contação de História para Crianças com Necessidades Especiais Visuais**. Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC. Florianópolis, SC. 2004.

CAMARGO, Maria Aparecida. **Teatro na Escola - a linguagem da inclusão**. Passo Fundo RS. Editora Universitária. 2003.

COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. Ilustrações de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

CAVASSIN, Juliana, **Perspectivas para o Teatro na Educação como Conhecimento e Prática Pedagógica**. R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39 – 52, jan./dez. 2008.

DOLCI, Luciana Netto. **O teatro na escola é uma necessidade no cotidiano do aluno**. Nº 141, ano14, Janeiro 2005, página nº 44. Revista Trimestral. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&user=Luciana%20Netto%20Dolci&mid=2>
Acessado em: 18 Mar. 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores associados: Cortez. 1989.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. Editora Alineas: São Paulo, 2007.

HARTMANN, Luciana; FERREIRA, Taís. Módulo 16: **História da Arte-Educação 2**. Brasília: LGE Editora, 2009.

KOUDELA, Ingrid Dormien, SANTANA, Arão Paranaguá de. **Abordagens Metodológicas do Teatro na Educação**. Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005. 145. Disponível em: http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/ingrid_koudela_v3_n2.pdf. Acessado em: 19 de Mar. 2013.

LEAL, Telma Ferraz, ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa de, MORAES, Artur Gomes de. (Org.) BEAUCHAMP. Jeanete. PAGEL. Sandra Denise. NASCIMENTO. Aricélia Ribeiro. **Letramento e Alfabetização: pensando a prática pedagógica**. Ministério da Educação: **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Secretária de Educação Básica. Ed. Ltda. Brasília-DF. Ministério da Educação. 2007.

_____.ALBUQUERQUE, E. B. Alfabetização e letramento: O que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”? In: ALBUQUERQUE, E. C.; LEAL, T. F. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIVRO, Círculo. **Pequeno Livro de Instruções para Vida**. São Paulo: Editora Best Seller. 1994.

LDB – Lei de Diretrizes e bases do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l9394_96.htm> Acesso em: 13 Abr. 22:20min.

MEDEIROS, Adriana Francisca de. **Apropriação da escrita por crianças em contextos adversos**. 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Pós-graduação em Educação, UFRN, Natal, 2010.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**: o lugar da literatura na sala de aula. Rio de Janeiro: Zeus, 2000, p.15.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**: o lugar da literatura na sala de aula. Rio de Janeiro: Zeus, 2000, p.15.

MONTEIRO, Sara Mourão, BAPTISTE, Monica Correie. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos**. Ed. Brasília, 2009. Belo Horizonte.

MÜLLER, Verônica Regina. **História de crianças e infâncias**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Eulina Maria Leite, MEDEIROS, Adriana Francisca de **Discutindo as Dificuldades Docentes no Processo de Alfabetização**. Trabalho apresentado no V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” São Cristóvão _ SE/Brasil. 2011.

NOGUEIRA. Maria Leite. MEDEIROS. Adriana Francisca. Disponível em: <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom>> Acesso em: 02 Fev. 2013. 18:20min.

OLIVEIRA, Adriano Moraes de. **Primeiras reflexões sobre os discursos que definem a prática do professor de teatro: entre a exploração de teatralidade e a solicitação do espetáculo**". In: Teatro: ensino, teoria e prática. Org. Paulo Merisio e Vilma Campos. Uberlândia: EDUFU, 2011.

OLIVEIRA, Nathália Alves. **A importância do saber contar histórias na educação infantil**: Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-importancia-do-saber-contar-historias-na-educacao-infantil-5643606.html>> Acesso em: 25 Out. 2012 22:40min.

PEREIRA, Pery, **Placas do Caminho**. Volume III. Rio de Janeiro: Públika Comunicações, 1999.

REVERBEL Olga. G. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

_____, Olga. **O Teatro na Sala de Aula**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

RADMANN, Luciana Bluhm. FIGUEREDO, Márcio X. B. **Literatura infantil na pré-escola: uma experiência de encantamento**. Trabalho apresentado em 2008, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

SAMPAIO, Carmen Sanches. A complexidade do processo ensino aprendizagem: o desafio de uma prática alfabetizadora comprometida com a inclusão social. In: GARCIA, Regina Leite (org). **Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes**. São Paulo: Cortez, 2008.

SCRIBNER, S. **Liretacy in thee metaphos**. *American journal of Education*, v. 93, n. 1, 1984. p. 6 – 21.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOUZA, Lília Átila de, SILVA, Santana Valdirene da. **Dificuldades de Aprendizagem: Leitura e Escrita no 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Artur Gonçalves de Prado em Água Limpa**. Caldas Novas 2011. Goiás. Universidade Estadual de Goiás.

SIMÕES, VERA LUCIA BLANC. **Histórias infantis e aquisição de escrita**. São Paulo Perspec., Mar 2000, vol.14, no.1, p.22-28. ISSN 0102-8839

SIMÕES, Vera Lucia Blanc. **Histórias infantis e aquisição de escrita** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 19 Mar. 2012.

VOLZ, Juliana. Entrevista realizada por Jandira Brito no dia 24 de Setembro de 2012, na escola Nossa Senhora dos Navegantes.

APÊNDICES

NICOLAU O SEM FOME

Nicolau “O Sem Fome” é a história de um menino que não gostava de comer por isso ficava cada vez mais magro e feio. A mãe Nadir fazia de tudo para que ele se alimentasse, mas o garoto não queria comer nada.

Sua mãe para fazer com que ele se comesse, inventou uma história de que o papai Noel iria ficar muito triste com ele e que não lhe trizeria presentes no natal.

Até que numa noite, uma luz invadiu seu quarto e o levou para o céu, aonde ele se encontrou com o papai Noel que lhe deu muitos conselhos e acordando do sonho, Nicolau passou a se alimentar bem, cresceu e se tornou um rapaz muito bonito e forte. E no Natal vestiu-se de Papai Noel e saiu distribuindo presentes e bons conselhos as crianças que não gostava de comer.



Figuras 3, 4 e 5: Livro do Nicolau “O Sem Fome”

2 - AS AVENTURAS DO PÁSSARO NEGRO

Conta à história de Chuí, um pássaro negro que queria viver grandes aventuras, voando pelo céu e conhecer lugares diferentes. Até que um dia ele é atingido por uma bala perdida e cai na Terra. Socorrido por uma família de gatinhos, mãe Bianca e a filho Bubi, é levado para casa e tratado com todo carinho. Depois de recuperado é solto, retornando a natureza e seguindo com as suas aventuras pelo céu.



Figura 6: Livro As Aventuras do Pássaro Negro

FISH A BOLINHA TRISTE (fig.3)

Essa história conta a trajetória de Fish uma Bolinha que vivia triste e cabisbaixa. Queria encontra amigos, mas o mundo em que ela vivia, somente existia ela.

Mas tudo isso mudaria, quando ela chega num mundos cheios de Bolinhas iguais a ela, onde as outras Bolinhas eram muito felizes. Nesse novo lugar fez amizades com Juca e Tita, que a convidou para dançar e ela nunca mais se sentiram triste.



Figura 7: Fish a Bolinha Triste